

**“SOBRE PIRIS E GUETES”:
ANÁLISE
MORFOLÓGICA DAS
CONSTRUÇÕES
CUNHADAS
A PARTIR DE
SPLINTERS
DE “PERIGUETE”**

**“ACERCA DE PIRIS Y GUETES”: ANÁLISIS MORFOLÓGICO DE CONSTRUCCIONES
ACUÑADAS POR INTERMEDIO DE SPLINTERS DERIVADOS DE “PERIGUETE”**

**“ON PIRIS AND GUETES”: MORPHOLOGICAL ANALYSIS OF CONSTRUCTIONS COINED
BY SPLINTERS DERIVED FROM “PERIGUETE”**

Wallace Bezerra de Carvalho*

Carlos Alexandre Gonçalves**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Neste texto, abordamos as formações *piri-X* (*piripobre*, *piricrente*) e *X-guete* (*vovoguete*, *coroguete*), ambas oriundas da palavra derivada recém-criada na língua *periguete* (“mulher vulgar, trajada com roupas extravagantes”). A análise toma por base a noção de *splinter* recentemente formulada na literatura morfológica contemporânea (BAUER, 2004; BOOIJ, 2004; GONÇALVES, 2013) e examina tanto os aspectos formais quanto os aspectos semânticos que aproximam e afastam essas formas da classe dos radicais e dos afixos mais prototípicos. Com isso, abordamos a interface da composição com a derivação, mostrando estar diante de dois elementos morfológicos que atuam nas fronteiras entre esses dois principais processos de formação de palavras. Os dados que embasam a análise foram retirados da *Internet*, sobretudo de *blogs*, *tweets* e postagens no *Facebook*, em decorrência de serem espaços virtuais com interação mais natural e espontânea. Os dados de fala provêm de entrevistas realizadas com informantes (homens e mulheres) de diferentes faixas etárias e graus de escolaridade. Concluímos o estudo mostrando que as duas formas, *piri-* e *-guete*, possuem características tanto derivacionais quanto composicionais, encontrando-se em uma posição intermediária entre os dois

* Bolsista do CNPq. Mestrando em Letras pela UFRJ. E-mail: wallacebcarvalho@gmail.com.

** Doutor em Linguística e Professor Associado IV da UFRJ. Pesquisador 1D do CNPq. Bolsista da FAPERJ (Cientista do Nosso Estado). E-mail: carlexandre@bol.com.br.

processos. Assumimos, portanto, que as duas formas fornecem evidências empíricas sobre a existência de um *continuum* composição-derivação.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia; composição; derivação; *splinter*; *continuum*.

RESUMEN: En este trabajo, nos dirigimos a las construcciones *piri-X* (*piripobre*, *piricrente*) y *X-guete* (*vovoguete*, *coroguete*), ambas derivadas de la palabra recién creada *periguete* (“mujer vulgar, vestida con ropa sensual”). El análisis se basa en la noción de *splinter* recientemente formulada en la literatura morfológica contemporánea (BAUER, 2004; BOOIJ, 2004) y examina tanto los aspectos formales como los aspectos semánticos acercándose y alejándose de la clase de los radicales y afijos más prototípicos. Con esto, nos ocupamos de la interfaz composición-derivación, demostrando que estamos frente a dos elementos morfológicos que actúan en las fronteras de los dos principales procesos de formación de palabras. Los datos para apoyar el análisis se tomaron de Internet, especialmente los blogs, tweets (tuits) y mensajes de Facebook por ser espacios virtuales con una interacción más natural y espontánea. Los datos de habla provienen de entrevistas con informantes (hombres y mujeres) de diferentes grupos de edad y niveles de educación. El estudio muestra que los formantes *piri-* y *-guete* tienen características de derivación y composición: están en una posición intermedia entre los dos procesos. Suponemos, pues, que las dos partículas proporcionan evidencia empírica sobre la existencia de una continua composición-derivación.

PALABRAS CLAVE: morfología; composición; derivación; *splinter*; *continuum*.

ABSTRACT: In this paper we approach the constructions *piri-X* (*piripobre*, *piricrente*) and *X-guete* (*vovoguete*, *coroguete*), both derived from the recently-created word *periguete* (“vulgar woman, dressed with extravagant clothes”) in the Brazilian vocabulary. The analysis is based in the notion of *splinter*, recently formulated in the contemporary morphological literature (BAUER, 2004; BOOIJ, 2004; GONÇALVES, 2013), and examines both the formal aspects and the semantic aspects that approximate and move away these forms of the radical classes and of the most prototypical affixes. With that, we approach the interface of the composition with derivation, being before the two morphological elements acting on the edges between these two main word formation processes. The data on which the analysis is based have been taken from the Internet, mainly from blogs, tweets, and Facebook posts, for these being virtual spaces with more natural, spontaneous interaction. The speaking data come from interviews answered by informants (men and women) of distinct ages and educational levels. We have concluded the study showing that both forms, *piri-* and *-guete*, have derivational and compositional characteristics, finding themselves in an intermediate position between the processes. We assume, therefore, that both forms offer empirical evidence on the existence of a composition-derivation *continuum*.

KEYWORDS: morphology; composition; derivation; *splinter*; *continuum*.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, analisamos os *splinters piri-* e *-guete*, partículas oriundas da forma recém-criada *periguete* (muitas vezes escrita com <i>), procurando observar seu estatuto em palavras morfológicamente complexas, tais como *pirigótica* (“gótica periguete”) e *vovóguete* (“idoso periguete”). O trabalho se vale da proposta de Bauer (2004), para definir o papel dos *splinters* na morfologia das línguas naturais, e dos estudos de Gonçalves (2011), Gonçalves e Andrade (2012) e Andrade (2013), para checar em que medida essas unidades se comportam como radicais ou afixos na formação de novas palavras.

Os 51 dados que embasam a análise foram recolhidos de dicionários eletrônicos (*Dicionário Informal*, *Significados*), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras; posteriormente, com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos *Google* e sua ferramenta de busca, assim como a rede social *Twitter*, na qual, a partir da ferramenta de busca oferecida pelo próprio *site*, é possível encontrar *posts* em que figuram frases, orações, palavras ou fragmentos das formas pesquisadas. Dessa maneira, inserimos primeiramente o termo *piri* como forma livre e coletamos os resultados encontrados para tal, sendo essa operação repetida com *guete*. Logo após coletar os dados, passamos a pesquisar

formações em que o termo *piri* aparece como forma presa, considerando-se, da mesma maneira, construções com ou sem o uso de hífens ou espaços em branco. Coletadas as formas, a operação foi repetida com o termo *guete* utilizado como forma presa.

Recolher dados de páginas publicadas na *Internet* tem a vantagem de reunir tanto material impresso que reflete a escrita padrão, como *sites* de jornais e revistas de grande circulação nacional – espaços virtuais em que, por conta da força expressiva das formações, são raros os empregos tanto de *periguete* quanto de seus derivados –, quanto fontes escritas mais próximas da oralidade, a exemplo de *blogs*, *chats* e *posts* nas redes sociais, situações em que tais formas vêm sendo produzidas com muita frequência e se popularizando cada vez mais. Após o recolhimento dos dados em meio virtual, entrevistas foram elaboradas de forma a analisar dados de fala em que as formas estudadas fossem produzidas. Dessa maneira, cinco pequenos textos (encontrados na seção 5 deste trabalho) foram elaborados pelos autores e entregues a 20 informantes estratificados em gênero e escolaridade. Os sujeitos eram instruídos a ler os textos, e, em seguida, perguntas sobre o que se lia eram feitas, levando-os a produzir as formas mais espontaneamente. Essas entrevistas foram realizadas com o objetivo de controlar a pauta acentual dos formativos, seja como formas livres, seja como formas presas.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 2, fornecemos um breve histórico a respeito da origem da palavra *periguete*; na sequência, analisamos sua constituição morfológica, atentando para a base a que o sufixo produtivo *-ete* se adjungiu; por fim, comentamos os usos mais recentes das construções *piri-X* e *X-guete*, a natureza e o uso dos chamados *splinters*: partículas não-morfêmicas oriundas de cruzamentos vocabulares que, em função do uso, acabam tornando-se recorrentes. Procuramos observar em que medida esses elementos se aproximam da classe dos radicais e que aspectos apresentam de afixos.

2 DA ORIGEM E USO DA PALAVRA PERIGUETE

De acordo com diferentes relatos encontrados na *Internet*, a palavra *periguete/periguete* (com a ortografia em variação) teve sua origem no Estado da Bahia, mais especificamente nos subúrbios da cidade de Salvador. Na rede mundial de computadores, é possível encontrar explicações sobre tal origem em diversos *sites*. Em um deles, nomeado *Dicionário Informal* (2015), no qual os próprios leitores atualizam as palavras e seus significados, temos alguma noção do local de origem do termo:

O termo teve origem em Salvador, capital baiana. Como esse termo foi se espalhando pelo Brasil a fora [sic!] saiu uma música ou seja um funk com o termo *piriguete*, na música fala o que é uma *piriguete*. Hoje é um dos termos mais usados pelos Brasileiros quando se quer chingar [sic!] uma mulher, uma garota que fica de safadeza e querendo se exibir para os homens...

No site *Significados* (2015) é possível encontrar mais uma definição para o termo:

Piriguete é um termo pejorativo, usado para descrever uma mulher que não quer outra coisa senão **diversão e prazer**. [...]. *Piriguete* é uma classificação de mulheres conhecidas por estarem sempre na balada, geralmente solteiras, que escolhem com quem e quando querem ficar, autosuficientes [sic!] e que não se importam com a opinião alheia.

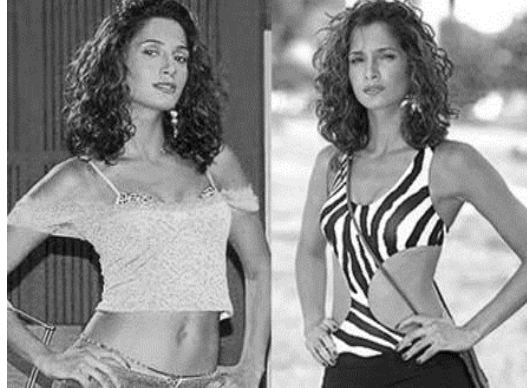
No mesmo *site*, fica evidente como a possível origem da palavra é conhecida e bem aceita pela grande maioria dos internautas que se dedicaram à questão, ainda que não se tenha certeza do ano em que foi efetivamente cunhada, já no início do século XXI. É também notável a descrição enciclopédica que o *site* proporciona, valendo-se de significados pragmáticos ligados ao termo:

É uma palavra que surgiu em Salvador, capital da Bahia, e vem da palavra *perigosa*. A *piriguete* não costuma ser muito bem vista pelo público feminino e muitas vezes nem mesmo com [sic!] o masculino, pois são tachadas de vulgares e afins, e apesar de muitas sentirem inferiorizadas, é uma palavra muito usada em brincadeiras.

Além da ampla aceitabilidade de como se deu a origem do vocábulo, é interessante destacar que a popularização acontece em meados de 2007, ano em que a música, em ritmo de *reggaeton*, composta e interpretada por MC Papo, intitulada 'Piriguete', começa

a se espalhar e ser bem sucedida no cenário musical brasileiro. 2007 é também o ano de veiculação, pela Rede Globo de Televisão, da novela *Paraíso Tropical*, novela na qual a personagem *Bebel*, interpretada pela atriz Camila Pitanga, era conhecida por se tratar de uma *periguet*:

Imagem 1: Personagem *Bebel* (Camila Pitanga), considerada *periguet*, de *Paraíso Tropical*, 2007



Fonte: Resumos Novelas TV (2012)

O próprio MC Papo, em entrevista concedida a Regina Casé no programa *Esquentar!*, com produção executiva de Alexandre Scalamandre, na mesma Rede Globo de Televisão, em 2012, afirma acreditar que o termo, como visto anteriormente, nasce na Bahia. Quando indagado por Regina Casé, “Cê sabe da onde veio esse termo periguet? Lá em Minas fala?”, MC Papo responde: “Então, é, na verdade, é, o que eu sei é que veio da Bahia, porque bra...é, mineiro só vai pra Bahia ou pro Espírito Santo. Eu importei da Bahia o termo.”

Pelo que se expôs, pode-se assumir que a palavra está associada aos seguintes significados: (a) mulher vulgar, lasciva; (b) mulher considerada adúltera; (c) mulher que se veste de maneira sensual e se porta de modo a romper com padrões morais impostos pela organização social moderna, e (d) mulher que se veste de modo extravagante, com roupas exuberantes, às vezes muito apertadas, ou trajes sumários. As fotos a seguir ilustram o que vem a ser uma *periguet*:

Imagem 2: Personagem *Lurdinha* (Bruna Marquezine), considerada *periguet*, de *Salve Jorge*, 2013



Fonte: Toledo (2013)

Imagem 3: Personagem *Suelen* (Isis Valverde), considerada *periguete*, de *Avenida Brasil*, 2012



Fonte: Usina Fashion (2012)

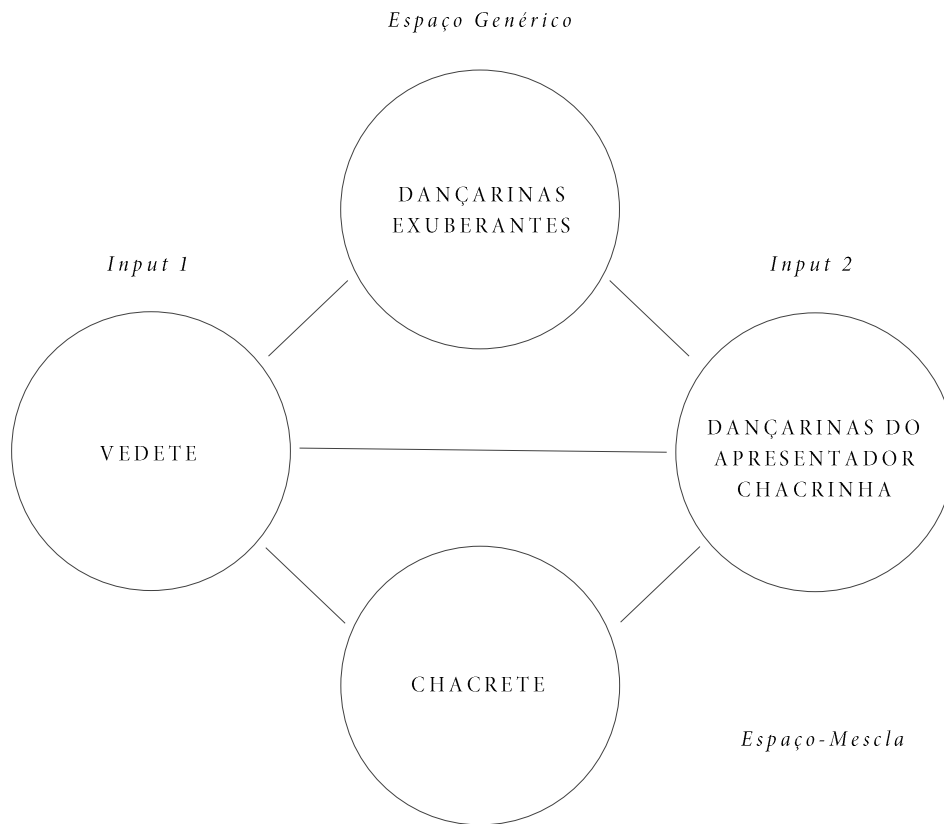
3 SOBRE A ESTRUTURA MORFOLÓGICA DA PALAVRA *PERIGUETE*

Em Gonçalves (2005), postula-se que a origem do sufixo *-ete*, presente em *periguete*, provém da analogia aos termos *vedete* e *tiete*, sendo o primeiro relacionado a um estrangeirismo (um galicismo, mais especificamente, *vedete*), e o segundo, a fãs do cantor Ney Matogrosso, conhecido como *tio/titio*. Cândido (2013, p. 54), a partir de preceitos teóricos da Linguística Cognitiva, estabelece a representação do que teria dado origem ao sufixo polissêmico *-ete*. Utilizando a Teoria dos Espaços Mentais, a autora explica como o sufixo teve sua origem ancorada em analogias¹, e também aborda a forma com que falantes utilizam o sufixo sem necessariamente confundir-se quanto a seus vários significados, como se vê nos dados abaixo.

(a)	(b)	(c)
'Dançarinas'	'Sexualidade'	'Fãs'
chacrete	periguete	neymarzete
bolete	piranhete	naldete
mionzete	rebolete	olavete
angeliquete	peguete	kakazete
paniquete	funkete	malafaiete

Na representação estabelecida pela autora, os *inputs vedete* e *dançarina do apresentador chacrinha* proporcionariam uma mesclagem conceptual que daria origem ao termo *chacrete*, assim representado na Imagem 4:

¹ Em Cândido (2013), utiliza-se o conceito de analogia tal qual formulado por Saussure: a associação por semelhança fônica e semântica, na qual "[...] existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente". (SAUSSURE, 1916, p.146). Assim, Saussure (1906, p.143) explicita que as relações associativas "[...] não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo". Mais adiante, enfatizaremos que a analogia é tratada como habilidade cognitiva.

Imagem 4: Esquema de Espaços Mentais

Fonte: Cândido (2013)

Assim como ocorre com o significado de *-ete* em ‘dançarina de apresentador X’, também acontece com *-ete* de ‘fã de X’; porém, o que antes era o *input* ‘dançarina de apresentador X’ agora é ‘fã de X’, a exemplo de *lulete* (fã do ex-presidente Lula), *bolsonarete* (fã do deputado Jair Bolsonaro), *olavete* (fã do filósofo direitista Olavo de Carvalho) e *malafaiete* (fã do Pastor Silas Malafaia). A maior parte das formações acima é, sem dúvida alguma, irônica, pois todos os envolvidos são figuras polêmicas no cenário brasileiro e segui-los implica, de algum modo, estabelecer adesão ideológica com eles.

Do ponto de vista formal, a única alternância observada na forma desse sufixo, como de vários outros do português, decorre da inserção da consoante /z/, cola morfológica por excelência na língua: *neymarzete* (fã do jogador de futebol Neymar), *Luanzete* (fã do cantor Luan Santana), *Hagazete* (dançarina do antigo programa H). Dessa maneira, a forma *-guete*, aqui em exame, de modo algum pode ser considerada alomorfe de *-ete*, tratando-se, antes, de um pedaço da palavra *periguete*, cuja motivação da base precisamos a seguir.

Cândido (2013, p. 47) propõe que o termo *piriguete* surge da adjunção do sufixo *-ete* à base substantiva *perigo* ou ao adjetivo *perigosa*, como já visto no trecho retirado do site *Significados*. É possível notar a correspondência por conta de a base ser a mesma (*perig-*), também pela relação de perigo metafórico que *piriguetes* propiciam a outras mulheres, já que, com base em algumas das definições, *piriguetes* “procuram por homens comprometidos”. De qualquer maneira, a base já é aproveitada com a aplicação da regra de harmonização vocálica, uma vez que a vogal pretônica é realizada alta, [i], por conta de sua adjacência com outra alta.

Outra proposta de análise possível emerge ao notarmos a locução adverbial *a perigo*, expressão que no site *Wikcionário* (2015), dentre todos os seus significados, pode ser entendida como “estar necessitado de sexo ou dinheiro”. Como visto em outra entrada do já mencionado *Dicionário Informal*, uma mulher considerada *piriguete* tem sua imagem associada a alguém sem dinheiro que sai a procura de sexo: “mulher fácil”, que vai para baladas a procura de todos os tipos de homens para pagar para elas, pois sempre saem desguarncidas financeiramente. Geralmente, fazem relação sexual com os que acabaram de conhecer já no primeiro encontro.

Tomando como base a proposta de Cândido (2013), podemos assumir que, quer estejam na base as formas *perigo* ou *perigosa*, quer a expressão *a perigo*, por analogia (a quarta proporcional saussureana) ao termo *chacrete*, o falante entende o segmento *-ete* como sufixo e cunha *periguete*, deixando de assimilar, nesse caso, o significado de ‘dançarina’, ficando dessa apenas a ideia de que são sensuais e de que se vestem de forma exuberante, com trajes provocantes e/ou sumários. As ditas *periguetes* ou oferecem perigo às mulheres casadas, tendendo a “roubar” seus maridos com táticas sensuais e roupas entendidas como vulgares, ou aos próprios homens, pelo fato de estarem “necessitando de sexo” e saírem com roupas sensuais, de forma sexualmente atraente.

Neste trabalho, com base em Gonçalves (2012), Gonçalves (2013) e Gonçalves e Andrade (2012), procuramos mostrar como a formas *piri-* e, de maneira menos ampla, *-guete*, ambas advindas do termo *periguete*, acabaram se tornando *splinters* e hoje atuam na formação de palavras do português brasileiro, corroborando ainda com a hipótese do *continuum* entre radicais e afixos (GONÇALVES; ANDRADE, 2012).

4 O QUE SÃO SPLINTERS?

Splinters são tidos na literatura morfológica como pedaços de palavras que, por conta de processos morfológicos não-concatenativos, como o cruzamento vocabular (*namorido* < *namorado* + *marido* = ‘namorado com o qual se mora junto’), o truncamento (*caipi* < *caipirinha*) ou a substituição sublexical (*boadrasta* = ‘madrasta boa’), passam a transmitir o significado de sua palavra de origem, funcionando como novos formativos. Nas palavras de Bauer (2004, p. 77), “*Splinter* é uma parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras”. Vale ressaltar que *splinters* são originados de partes não-morfêmicas de palavras, como *choco-*, utilizado em palavras como *chocomania* e *chocopão*. Oriundo de *chocolate*, o conjunto de segmentos <*choco*>, que não é um elemento mórfico, mas de parte da raiz, atualiza-se para o falante como elemento mórfico, passando a significar o todo (o próprio chocolate), na combinação com os elementos a que se adjungir.

De acordo com Bauer (2004), *splinters* têm sua origem em processos chamados *blendings* e *clippings*. *Blendings* são processos nos quais duas palavras se cruzam morfossemanticamente por conta de segmentos coincidentes, fazendo com que o falante passe a entender partes antes não-morfêmicas como portadoras de significado. Para Gonçalves (2013), exemplos de *blendings* seriam formas como *paitrocínio*, relacionando *pai* e *patrocínio*, por conta dos segmentos equivalentes [pa], e *sorvetone*, mistura de *sorvete* com *panetone*, por conta dos segmentos ambimorfêmicos [et].

Clippings, por sua vez, são processos em que itens lexicais perdem massa fônica, restando sequências segmentais não necessariamente morfêmicas, como ocorre com <*caipi*> quando realizado em combinações como *caipifruta* e *caipisakê*, formações em que a palavra *caipirinha* perde o pé métrico nuclear <*rinha*>, sendo encurtada para o *splinter* <*caipi*>, este veiculando o significado da palavra-fonte às palavras a que se adjunge.

Este trabalho, ao analisar as formas *piri-* e *-guete* como *splinters*, acaba por reforçar a proposta de Andrade (2013, p. 131), na qual a autora, baseando-se em numerosos dados encontrados em diferentes pesquisas, estabelece o que viria a ser o padrão obedecido para a criação de *splinters*, por ela chamados de ‘fragmentos vocabulares’. De acordo com a autora, “o recorte dos ‘fragmentos vocabulares’ ocorre de modo regular”:

[...] o pé métrico nuclear da palavra-alvo é rastreado e isolado, e, uma vez sendo uma sequência fonológica sem concorrente na língua, passará a ser expressão formal do fragmento vocabular, caso contrário, tal sequência é descartada e o fragmento vocabular tomará a forma do pé secundário, a exemplo de *caipi-* (< *caipirinha*) e *lamba-* (< *lambada*). Um fragmento vocabular identifica-se, portanto, com a estrutura silábica e com os segmentos constituintes do pé métrico (o nuclear, mais raramente, o secundário) da base-alvo. Em suma, via de regra, os fragmentos vocabulares admitem escansão de pés binários com cabeça à esquerda, ou seja, troqueus

silábicos: -drasta, -nese, -neja, -burguer, -ranha, choco-, tele-, tecno-, caipi-, lamba-, à exceção do monossilábico -lé (< picolé).

Como descrito por Andrade (2013), *piri-* e *-guete* cumprem exigências para que se atualizem como *splinters*, já que as duas formas são pés binários, com cabeça à esquerda, ou seja, apresentam a configuração (*.).

Para a formação dos *corpora* aqui apresentados, como assinalado na introdução, foram usadas as ferramentas da *internet Google* (www.google.com.br) e, de forma majoritária, *Twitter* (www.twitter.com). A partir dos resultados, verificamos que o formativo *piri-* é mais usual que *-guete*, aparecendo em mais de trinta ocorrências, repetidas vezes, ao passo que *-guete* é menos utilizado e, quando o é, não são muitas as ocorrências de cada unidade nova. É preciso apontar que as duas também ocorrem como livres, o que condiz com duas das previsões feitas por Bauer (2004, p.105) a respeito de partículas como essas:

Splinters podem ter qualquer um destes [...] destinos possíveis. Podem tornar-se afixos produtivos. Isto parece ser o que aconteceu com *-nomics*, já referido, embora seja de produtividade muito baixa. Eles podem ainda se tornar palavras independentes. Isso foi o que aconteceu a *burger*, originalmente uma reanálise de *hamburger*, que aparece em *beefburger* e *cheeseburger*.

Desse modo, podemos advogar o *status* de *splinter* para as duas formas em exame. O mais interessante é que, até onde se sabe², a palavra *periguete* foi a única – no Brasil e no mundo – a oferecer dois *splinters*, sendo, portanto, literalmente cortada ao meio para que suas duas partes pudessem, sozinhas, evocá-la.

Tanto *piri-* quanto *-guete* adjungem-se a bases nominais, sejam elas substantivas (*piricriança*, *pirivizinha*, *primaguete*, *mãeguete*) ou adjetivas (*pirisona*, *pirivagabunda*, *sexyguete*, *crenteguete*), em sua maioria formas femininas (*primaguete*), comum-de-dois (*piricrente*) ou sobrecomuns (*piricriança*), sendo raríssimas ocorrências com formas masculinas (*pirigato*, *pirigordo*), naturalmente descartadas por não apresentarem compatibilidade com o significado dos formativos. Para o controle mais organizado do *corpus*, as características relevantes para a análise dos *splinters* em exame são aqui divididas em diferentes tópicos. Começamos pela posição, que dá conta do lugar que o formativo ocupa em uma palavra complexa e se essa posição é fixa ou variável.

5 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS *SPLINTERS* EM ANÁLISE

Os dois formativos ocupam posições diferentes em relação à base a que se conectam. Respeitando suas posições na palavra-fonte, *piri-* se comporta como prefixo, sempre aparecendo em primeira posição; *-guete*, por sua vez, comporta-se como sufixo, sempre aparecendo em posição final. Além disso, independente da posição que ocupam, os dois formativos não configuram cabeça lexical, nos termos de Gonçalves (2013), por não mudarem a classe gramatical, não serem o núcleo semântico nem mudarem o gênero das palavras a que se adjungem. É interessante notar que a estrutura da palavra complexa resultante (se DT-DM ou DM-DM, em que DT e DM abreviam, nesta ordem, determinado e determinante) é dada pela função sintática da palavra no excerto em que foi rastreada, havendo certa flutuação entre subordinação (DT-DM) e coordenação (DM-DM), o que se reflete, inclusive, na existência ou não de cabeça lexical nos complexos.

Quando os *splinters* *piri-* e *-guete* se adjungem a bases que desempenham funções mais típicas de substantivos, como sujeito ou objeto do verbo, funcionam como qualificadores dessa base, sendo determinantes e ganhando valor adjetival, como visto nos exemplos abaixo, o primeiro com padrão DT-DM e o segundo, DM-DT:

- (01) a. “As **pirigóticas** estão muito em voga ultimamente[...]”
(VELOSO, 2012, grifo nosso)

² Tal afirmação pode ser respaldada na literatura na área: os trabalhos de Fandrich (2008), Bauer (2004) e Lehrer (1998), para o inglês; Booij (2004), para o holandês; Cantero (2004), para o espanhol; e Gonçalves (2011, 2013), para o português.

- b. “Ontem eu vi uma **vovóguete**, cheia de tatoos sobre a pele franzida[...]”
(TWITTER, 2014, grifo nosso)

Em *pirigóticas* e *vovóguete*, nos períodos apresentados, há tendência à interpretação das palavras como “góticas que são periguetes” e “avó que é periguete”, respectivamente. Essas interpretações levam à hipótese de que, quando em funções que substantivos tipicamente exercem, os *splinters piri-* e *-guete* são encaixados nesta classe, agindo como modificadores, de forma que a subordinação é configurada.

Quando os formativos se adjungem a bases que assumem funções tipicamente exercidas por adjetivos, há uma espécie de coordenação entre os termos. Podemos ver esse uso nos exemplos a seguir:

- (02) a. “Iggy Azalea toda **pirigostosa** no lead single de seu álbum de estréia.”
(TWITTER, 2013, grifo nosso)
- b. “A última do meu pai foi me contar que a fifi **crenteguete** fez a limpa no apt dele”
(TWITTER, 2013, grifo nosso)

Nas palavras *pirigostosa* e *crenteguete*, nas sentenças acima, a interpretação é a seguinte: “piriguete e gostosa” e “crente e piriguete”. Dessa forma, a coordenação se configura, tendo em vista que nenhum dos formativos está modificando o outro, sendo ambos núcleos, por serem sintaticamente equivalentes (padrão DM-DM).

O fato de esses formativos se comportarem como afixos quando adjungidos numa posição fixa em relação à base remete para o não entendimento desses elementos como formadores de palavras compostas. Para Gonçalves (2013), em uma palavra composta, o formativo (uma base) pode ter mobilidade, assim como acontece com certos arqueoconstituintes, ou radicais neoclássicos, que, dentro de uma palavra morfológicamente complexa, podem localizar-se tanto na primeira quanto na segunda posição, como visto nos exemplos a seguir:

- (03) Fonologia - Microfone
Filosofia – Cinéfilo
Tecnologia – Zootecnia

A partir de diferentes ocorrências encontradas na *Internet*, percebemos que, de igual maneira, *piri-* e *-guete* ocorrem como formas livres no português brasileiro. Concordamos assim, mais uma vez, com a perspectiva de Bauer (2004), quando o autor afirma que *splinters* podem funcionar tanto como formas livres quanto como formas presas. Concordamos também com Gonçalves (2013), quando o autor nos informa que *splinters* ocupam posição intermediária entre radicais e afixos, já que possuem características das duas categorias.

As ocorrências nos levam a categorizar *piri* e *guete* (livres) como formas nominais, já que são encontradas, por vezes, ora como nomes substantivos, ora como nomes adjetivos, seguindo definição de Câmara Jr. (1970). Podemos ver isso nas seguintes ocorrências: em (04), temos substantivos e em (05), adjetivos.

- (04) a. “A **piri** meteu no teste o nome ‘M.F.’ Malagueta Filósofa, 20 garantido”
(TWITTER, 2015, grifo nosso)
- b. “[...] zua as **guete** que vai de tomara que caia mostrando aquela barriga [...]”
(TWITTER, 2012, grifo nosso)
- (05) a. “[...]daí uma colega **piri** disse ‘eu também tenho 17’[...]”
(Orkut, 2012, grifo nosso)
- b. “eu serei a piriguete mais **guete** das guetes [...]”
(Orkut, 2008, grifo nosso)

Percebe-se que, quando funcionam como formas livres, *piri* e *guete* podem ser flexionadas em número (+s), além de se adjungir a elas o prefixo *ex-*, produzindo formas como *piris*, *guetes* e *ex-guete*:

- (06) a. Sua piriguete, seu grupinho é cheio de piris metidas!!
(ASK.FM, 2012, grifo nosso)
b. “eu serei a piriguete mais guete das guetes[...]”
(ORKUT, 2008, grifo nosso)
c. Piri, piri, piri
Ex-guete, ex-guete, ex-guete
Piri, piri, piri
Ex-guete, ex-guete, ex-guete
Tá tão santinha, mas não via hora de soltar a piriguete
(FORRÓ PEGADO, 2013, grifos nossos)

Um aspecto importante para a diferenciação entre radicais e afixos é a presença de um ou mais de um acento lexical, pois radicais portam acento, respondendo por um não-isomorfismo entre palavra fonológica e palavra morfológica, enquanto afixos, em geral, não são fonologicamente autônomos: tendem a formar com a base uma única palavra fonológica³. De modo a checar o comportamento fonológico dos *splinters piri-* e *-guete*, testes foram elaborados de maneira que falantes nativos produzissem as formas citadas, tanto direcionada quanto espontaneamente, para que a análise da posição dos acentos (primário e secundário) fosse possível, considerando-se as formas presa e livre do formativo <*piri*>; <*guete*> foi controlado apenas em sua forma livre, devido ao maior uso de *piri-*, em relação a *-guete*, como forma presa.

Para tanto, 20 pessoas foram entrevistadas, das quais 10 eram mulheres e 10 eram homens; dessas 20 pessoas, 10 possuíam Ensino Superior finalizado ou estavam cursando e 10 possuíam Ensino Médio finalizado ou estavam no último ano de estudo. A entrevista consistia em uma parte inicial na qual o entrevistado lia um pequeno parágrafo contendo de duas a três construções diferentes dispostas em início e fim de períodos. Em seguida, eram feitas perguntas que estimulassem o falante a produzir as formas espontaneamente⁴. Os textos utilizados nos testes, elaborados pelos autores desta pesquisa, são apresentados a seguir:

Na Igreja, todos julgavam ela, pensavam que ela não devia ser daquele jeito. “Ela não devia estar aqui”, diziam eles, “Piricrente”, era como eles chamavam ela. Depois de tudo o que eles tinham passado, ela ainda tinha coragem de agir daquela forma e fingir que nada acontecia, tinha coragem de ser aquela pirisona. Até que no final, expulsaram ela de lá.

Pirigótica, assim Renata era chamada. Falavam que ela não se encaixava em nenhuma tribo. Estava sempre de preto, mas não eram vestidos longos, nem botas e nem coletes. Ela gostava mesmo de ‘baby-look’ e shortinho curto. Na verdade, ela se sentia uma pirigata.

Foi uma confusão danada. Começou quando chamaram de pirivizinha, e depois de piripobre. Ela já quase não aguentava mais, era muita humilhação. Todo dia alguém jogava alguma piada, tentava diminuir ela. Quando a confusão finalmente acabou ela se afirmou: “E qual o problema? Sou isso tudo e mais, sou pirigostosa”.

Ela tinha raiva daquela piri. Odiava aquela menina com todas as forças. A piri sempre reclamava dela para todo mundo, falava mal dela. Não existia uma boa relação entre elas.

³ Obviamente, estamos considerando os casos mais prototípicos. Há sufixos que portam acento, chamados por Booij (2004) de *no-cohering*, a exemplo de *-mente*. Do mesmo modo, há prefixos composicionais, como *pré-* e *pós-*, que de modo algum são inacentuados.

⁴ Em média, cada informante leu dois textos. Perguntas como “Como Joana chamava sua amiga?”, “De que forma a pessoa referida no texto não gostava de ser xingada?” e “Que palavra diferente você leu no texto?” estimularam a produção oral das formas em exame. Todos os participantes do teste ficaram cientes tanto do caráter da pesquisa quanto de sua não-identificação em qualquer veículo de divulgação científica. Também fizemos questão de informar que de modo algum eles estariam sendo testados em termos de conhecimento gramatical ou mesmo cognitivo.

”Guete, vem cá” – Joana chamou a amiga. Ela se referia à amiga sempre assim, era a forma carinhosa de elas se chamarem, não tinha outra palavra, era ‘Guete’.

Os resultados dos testes com a forma presa *piri-* foram homogêneos. Com 12 pessoas entrevistadas, 9 produziram complexos morfológicos com a forma *piri-* com acento secundário na sílaba [pi], 2 produziram, em um primeiro momento, acento primário na sílaba [ri], logo modificando e utilizando acento secundário em [pi], e apenas uma produziu, na maior parte do tempo, acento primário em [ri]. Esses resultados nos levam a concluir que a forma presa *piri-* não constitui palavra prosódica por si só. Não foram encontradas produções significativamente diferentes entre os grupos estudados, de modo que não há duas palavras prosódicas nos complexos *piri-X*. Nas representações a seguir, mostra-se, seguindo Mattoso Câmara Jr. (1970), a pauta acentual⁵ de duas palavras do teste:

(07)	piripobre	pirigótica
	1 1 3 0	1 1 3 0 0

Nos testes com as formas livres *piri* e *guete*, os resultados foram ligeiramente diferentes. Foram feitas entrevistas com 8 indivíduos, 4 pessoas foram testadas com a forma *piri* e 4 com a forma *guete*. Nas entrevistas com *guete*, todos os sujeitos produziram a construção com a mesma pauta acentual da palavra-fonte (*): *guete* foi sempre realizada como paroxítona. Nas entrevistas com a forma *piri*, diferentemente de quando usada como forma presa (acento secundário na primeira sílaba), todos os entrevistados produziram a construção com acento na sílaba [ri], mudando a pauta acentual da palavra fonte, *periguete*, sempre produzida com acento secundário na primeira sílaba. Desse modo, a forma livre *piri* constitui um iambo (*), equivalendo a um dissílabo oxítono: [pi.ri].

Dessa forma, podemos construir a hipótese de que, quando utilizados como forma presa, *splinters* mantêm a pauta acentual da palavra-fonte; porém, quando utilizados como livres, podem adquirir pauta acentual própria, diferindo, portanto, da palavra de onde se desgarraram. De maneira a ilustrar os resultados majoritariamente obtidos, a transcrição fonética das formas livres e presas é dada a seguir:

(08)	Presas	Livres
	[.pi.ri.ˈkrẽ̃n.tʃɪ]	[pi.ri]
	[.pi.ri.gof.ˈtɔ.zɐ]	[ˈgɛ.tʃɪ]

Pelo fato de os formativos aqui analisados se adjungirem a substantivos e adjetivos (nomes), é proposta a divisão das formas encontradas em grupos diferentes. Temos, em (09), formas em que *piri-* conecta-se a substantivos; em (10), formas em que o formativo *piri-* liga-se a adjetivos. Em (11), exemplificam-se formas em que *-guete* adjunge-se a substantivos e, por fim, em (12), formas em que *-guete* anexa-se a adjetivos. Fizemos questão de apresentar, a seguir, todos os dados que constituem o *corpus* da pesquisa.

(09)

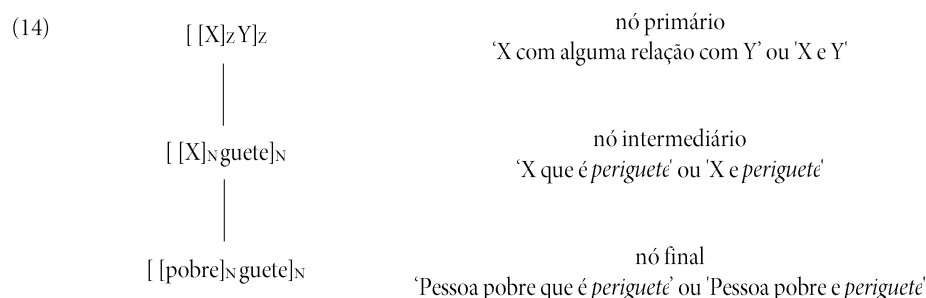
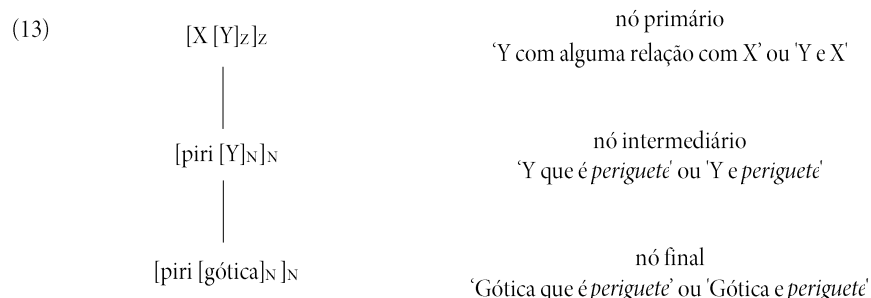
piriamiga	piribicha	pirichefe	piricolega	piricrente	piridoida
piridosa	piriemo	pirifunkeira	pirigata		
Pirigorda	pirigostosa	pirigótica	pirigringa	pirilesbica	piriputa

⁵ Na proposta de Mattoso Câmara Jr. (1970), 3 sinaliza a tônica, 2 a segunda tônica num grupo de força, 1 as pretônicas e 0 as postônicas. A pauta acentual é feita por meio dessa numeração convencionalizada abaixo de cada sílaba da palavra.

pirivizinha	picricriana	piripobre	pirireligiosa	pirivagabunda
piriloca	piriemo	piripunk	pirisaia	piripagodeira
pirirockeira	pidoida	piripirinha	piriroupa	
(10)				
piribicha	picricrente	pidoida	iridosa	pirifunkeira
pirigata	pirigorda	pirigostosa	pirigótica	pirigringa
pirilesbica	piriputa	pirivadia	pirivelha	piritrava
pirisona	pirivizinha	picricriana	piripobre	pirivagabunda
pirireligiosa	piriloca	piriemo	piripunk	piripagodeira
pirirockeira	pidoida	piripirinha		
pirigata	pirigorda	pirigostosa	pirigótica	Pirigringa
(11)				
amiguete	irmãguete	vovóguete	primaguete	mãguete
rockguete	crenteguete	gordiguete	twitguete	pobreguete
tiriguete	putaguete	emoguete	lesbiguete	piranhaguete
punkguete	travaguete	velhaguete		
(12)				
crenteguete	gordiguete	twitguete	pobreguete	tiriguete
piranhaguete	putaguete	emoguete	lesbiguete	sexiguete

Os casos apresentados mostram que, à exceção de *rockguete*, a adjunção do *splinter*, seja ele *piri-* ou *-guete*, não configura mudança na classe gramatical, apenas funcionando como especificador do termo ao qual se conecta. De forma similar a Booij (2005), à luz da

morfologia construcional, propomos, após analisar os casos já apresentados, uma estrutura abstrata para os usos dos dois formativos em questão⁶:



6 PALAVRAS FINAIS

Neste trabalho, com base em Gonçalves (2012), Gonçalves (2013) e Gonçalves e Andrade (2013), propomos a classificação das formas *piri-* e *-guete*, oriundas do termo *piriguite*, como *splinters*. A partir da análise de dados coletados na *Internet*, tentamos analisar a produção de ambas as formas, assim como sua atuação como formativos no português brasileiro contemporâneo.

Percebe-se que, em concordância com o analisado por Andrade (2013), tanto a forma *piri-* quanto a forma *-guete* obedecem a padrões métrico-prosódicos encontrados em outros *splinters*, tendo como diferença o fato de o pé secundário da palavra original ser mais produtivo que o nuclear.

Além disso, durante a análise de dados de fala, percebemos haver diferença entre os *splinters* quando atuam como forma presa e quando empregados como forma livre. Postulamos, com isso, que *splinters* presos mantêm a pauta acentual da palavra-fonte; em contrapartida, quando atuam como formas livres, podem vir a adquirir pauta acentual diferente da encontrada na palavra-fonte. Temos, nesta situação, mais uma razão para radialidade categorial dos *splinters*, assim fortalecendo a hipótese de um *continuum* radical/afixo, em oposição à postulação de categorias estanques.

Apesar de ainda ser cedo para tentar definir o curso que as formas aqui analisadas tomarão, apoiamo-nos no trabalho de Booij (2005) para estabelecer que os dois formativos, por possuírem tanto características composicionais quanto derivacionais, encontram-se em uma posição intermediária em relação aos dois processos, podendo tornar-se tanto afixos como palavras de conteúdo lexical. Em vista do analisado por Bauer (2004), pelo fato de *piri-* ser mais usual que *-guete*, é mais provável que, com o

⁶ As representações a seguir devem ser vistas apenas como ilustrações, uma vez que nosso próximo objetivo é descrever tais formações com base na morfologia construcional (BOOIJ, 2015).

tempo, *-guete* caía em desuso e *piri-* se imponha com o *splinter* oficial de *periguete*, até mesmo para evitar a associação direta com o sufixo *-ete*, quase integralmente aproveitados em *-guete*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, K. E. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. 2013. 163f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ASK.FM. Disponível em: <<http://ask.fm>> . Acesso em: 2 abr. 2015.

BAUER, Laurie. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (Ed). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Ed). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-132.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

CÂNDIDO, B. F. *Formações X-ete no português do Brasil: uma análise construcional*. 2013. 76f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CANTERO, M. Formas combinantes: un estudio sobre los procesos morfológicos de truncamiento en español. *Filología y Lingüística*, Madrid, n. 30, v. 2, p. 205-214, 2004.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 18 out. 2014.

ESQUENTA!. Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro, 2012. Programa de TV.

FORRÓ PEGADO - DVD 7 anos. João Pessoa: Studio Jota Marciano. João Pessoa. 2014.

GOOGLE. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v.5, n.2, p. 62-89, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos Linguísticos - O português brasileiro - estudos sincrônicos e diacrônicos*. Londrina, n.15, p.169-199, jun. 2012.

GONÇALVES, C. A. V. Na sextaneja com a caipifruta da mãedra: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, volume especial, n. 13, p. 139-158, 2013.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. *Lingüística*, Ciudad del México, v. 28, n.2, p. 119-145, dic. 2012.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the formation of acronyms, blends and clippings. *Lexis – E-Journal in English Lexicology* 2: Submorphemics, London, v.1, n. 2, p.1-20, 2008.

LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, n. 73, v. 1, p. 3-28, 1998.

ORKUT. Disponível em: <<http://www.orkut.google.com>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

RESUMOS NOVELAS TV. Disponível em: <www.resumonovelas.com/as-piriguetes-inesqueciveis-das-novelas/>. Acesso em: 01 dez. 2014.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<http://www.significados.com.br>>. Acesso em: 18 out. 2014.

TOLEDO, M. As piriguetes mais divertidas da ficção. *Revista Capricho*, 2013. Disponível em: <<http://www.capricho.abril.com.br/famosos/piriguetes-mais-divertidas-ficcao-746550.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

TWITTER. Disponível em: <<http://www.twitter.com>> . Acesso em: e abr. 2015.

USINA FASHION. Disponível em: <<https://usinafashion.wordpress.com/2012/04/18/a-moda-de-suellen-a-nova-piriguite-da-novela-das-8/>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

VELOSO, P. Faça você mesmo: como ser uma pirigótica. *Blog Mais Preza*. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/maispreza/?p=1575>>. Acesso em: 18 out. 2014.

WIKICIONÁRIO. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/a_perigo>. Acesso em: 10 dez. 2014.

Recebido em 31/08/2015. Aceito em 31/10/2015.